

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA
LICENCIATURA MODALIDADE A DISTÂNCIA

IVANA MOLINA

OS DESAFIOS DA AVALIAÇÃO DIALÓGICA
NO COTIDIANO DA SALA DE AULA

Alvorada

2010

IVANA MOLINA

**OS DESAFIOS DA AVALIAÇÃO DIALÓGICA
NO COTIDIANO DA SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de Curso,
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Licenciado em
Pedagogia, pela Faculdade de Educação
da Universidade Federal do Rio Grande
do Sul – FACHED/UFRGS.

Orientadoras: Iris Elisabeth Tempel Costa e

Dra. Rosane Aragon de Nevado

Tutora: Simone Ramminger

Alvorada

2010

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor: Prof. Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor: Prof. Rui Vicente Oppermann

Pró-Reitor de Pós-Graduação: Prof. Aldo Bolten Lucion

Diretor da Faculdade de Educação: Prof. Johannes Doll

Coordenadoras do Curso de Graduação em Pedagogia –
Licenciatura na modalidade a distância/PEAD: Profas.
Dras. Rosane Aragón de Nevado e Marie Jane Soares
Carvalho

Molina, Ivana

Os desafios da avaliação dialógica no cotidiano da sala de aula/Ivana Molina – Alvorada, 2010.

Monografia (Curso de Graduação em Pedagogia – Licenciatura – PEAD) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

1. Aprendizagem Colaborativa. 2. Autonomia.

I. Título.

UFRGS/FACED

Dedico esta conquista:

Aos meus pais que sempre me incentivaram na busca incessante do conhecimento.

Ao meu filho, pela dedicação, compreensão e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos alunos e alunas, razão do meu fazer pedagógico.

Contribuo para criar, para forjar a escola feliz, a escola alegre. A escola que é aventura, que marcha, que não tem medo do risco, por isso que recusa o imobilismo. A escola em que se pensa, em que se atua, em que se cria, em que se fala, em que se ama, se adivinha, a escola que apaixonadamente diz sim à vida. E não a escola que emudece e me emudece (FREIRE, 1983, p. 63).

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade analisar os desafios e implicações que a avaliação dialógica pode desencadear numa sala de aula da escola pública da periferia do município de Alvorada do Estado do Rio Grande do Sul. Tem por objetivo, portanto, verificar seus efeitos no cotidiano dessa sala de aula, e trás como referencial teórico os dialógicos da educação: Paulo Freire, Henry A. Giroux, Vitor Paro, Pedro Demo, José Eustáquio Romão, Cipriano Carlos Luckesi e Jussara Hoffmann. Essa análise se fez através do acompanhamento do desempenho dos alunos e das alunas expressos em “planilhas de acompanhamento” durante as construções realizadas no período do estágio curricular obrigatório do curso de Pedagogia à Distância – PEAD da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, esse trabalho se efetivou através da escrita colaborativa em rede – elemento constitutivo de uma Arquitetura Pedagógica, utilizando um Pbworks para a construção da escrita dos grupos, pois essa ferramenta proporciona a feitura de uma escrita compartilhada e participativa, referenciada nos estudos propostos por Rosane Aragon de Nevado, Crediné Silva de Menezes e Marie Jane Soares de Carvalho. Ao chegar ao final de cada etapa, as crianças foram incentivadas a analisar o seu desempenho naquela atividade e registrar os resultados utilizando cores que representaram a “medida” relativa ao seu desempenho e dos seus colegas de grupo numa planilha de acompanhamento, fazendo desse momento da avaliação um espaço democrático através do diálogo entre os sujeitos envolvidos em todo o processo. Porém mais do que “medir” os desempenhos íamos analisando as possibilidades e o que ainda faltava para avançar, posto que as planilhas de avaliação dos grupos ficavam expostas no quadro mural da sala de aula e todos queriam chegar e/ou manter a cor lilás que era a cor que representava a excelência. Essa prática trouxe resultados que nunca antes eu havia obtido.

Palavras-chave: Aprendizagem Colaborativa, Avaliação, Autonomia, Aprendizagem Significativa.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
a. A instituição escolar.....	11
a. A instituição escolar.....	11
b. Minha sala de aula.....	12
b. Minha sala de aula.....	12
c. A turma.....	13
c. A turma.....	13
d. Delimitação do problema.....	14
d. Delimitação do problema.....	14
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	16
3 RELATO E ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA.....	22
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	28
REFERÊNCIAS.....	30
5 ANEXOS.....	32
e. PROJETO DE ESTÁGIO.....	32
e. PROJETO DE ESTÁGIO.....	32
f. ENTREVISTA.....	37
f. ENTREVISTA.....	37

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho de conclusão de curso tem como finalidade aprofundar questões que envolvem a avaliação das práticas de sala de aula e, em especial, o método de avaliação usado por mim ao longo do estágio curricular. A avaliação que me propus a fazer foi uma avaliação aberta, com o uso de planilhas de acompanhamento onde registrava, através de cores diferenciadas, o desempenho dos alunos. Estes registros eram imediatamente socializados com eles, dado que ficavam expostos, e trouxeram resultados que nunca antes eu havia obtido.

Pretendo analisar estas questões justificando e fundamentando teoricamente minha ação docente neste período, sem perder de vista os interlocutores reais do meu texto: alunos e alunas dessa Turma.

a. A instituição escolar

Meu estágio curricular foi realizado em uma Escola Estadual de Ensino Médio no Município de Alvorada - RS, que tem como mantenedora a 28ª Coordenadoria Regional de Educação, sediada em Gravataí – RS, entre os meses de abril e junho do corrente ano.

A escola atende a dois mil setecentos e cinquenta (2 750) alunos de três bairros da periferia da cidade que são comunidades consideradas "carentes" e muito estigmatizadas, principalmente, pela mídia que sempre os retrata como bairros com os índices mais elevados de violência do município de Alvorada.

A escola funciona em três turnos: manhã, tarde e noite. A Educação Básica está distribuída em duas turmas de Educação Infantil, sessenta e quatro turmas de Ensino Fundamental e dez turmas na Modalidade de Ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA), além das oito turmas de Ensino Médio.

Conta com cento e dois (102) profissionais da educação, sendo que a maioria atua em regime de trabalho de 40 horas semanais.

O espaço físico da escola é constituído por três pavilhões, totalizando trinta e cinco salas de aulas, duas salas de professores, uma sala de áudio-visual, uma biblioteca, uma sala de direção, uma sala de vice-direção, uma sala da supervisão, uma sala do SOE, uma sala para o laboratório de informática, uma sala para o laboratório de Ciências, um gabinete dentário, em funcionamento com profissionais que atendem aos alunos numa parceria firmada entre a secretaria municipal de saúde e a direção da Escola, duas pracinhas, um amplo refeitório, duas cozinhas, sendo que uma é industrial, uma cantina, ginásio de esportes, duas canchas poli-esportivas e um campo de futebol. Quanto aos recursos, a escola disponibiliza data show e telão instalados na sala de áudio-visual com sistema integrado de som e com um computador com acesso a internet, via ADSL. O professor que necessitar destes recursos deve agendar o uso da sala com antecedência.

No período em que realizei meu estágio, a escola contava, também, com um laboratório de informática com trinta (30) computadores, sendo que apenas dezoito (18) destes estavam em condições de uso. O uso deste espaço também prevê que o professor faça um agendamento prévio.

A Equipe Diretiva iniciou sua gestão este ano e me auxiliou em tudo o que foi preciso para que pudesse desempenhar com êxito o estágio curricular de docência.

b. Minha sala de aula

A sala de aula ficava no prédio A e era repartida por uma divisória de madeira. A iluminação era muito precária e, por isso, precisávamos usar lâmpadas mesmo em dias de sol.

Por ser uma sala pequena, era muito aconchegante. Tinha um quadro verde para giz, dois armários grandes, vinte e sete carteiras escolares, uma

mesa grande de professor e vinte e sete cadeiras. Na parede tínhamos: um mapa mundi, um mapa do Brasil, um cartaz sobre a dengue, um cartaz sobre a gripe A, um relógio de ponteiros, um espaço com os nossos nomes e as datas dos aniversários, um espaço para afixar os trabalhos dos alunos, um varal com vários tipos de textos que eram substituídos à medida que todos os alunos já tenham tido a oportunidade de ler, um suporte em TNT para acondicionar as escovas de dente usadas na escovação e aplicação de flúor pela dentista que atendia aos alunos da Escola. Tínhamos também uma mesinha para o nosso cantinho da leitura com mais de oitenta livros de literatura infantil e infanto-juvenil. Os alunos escolhiam um livro para ser lido durante a semana e na sexta-feira, os alunos trocavam os livros e podiam levar para casa para ler para os irmãos, se assim desejassem.

c. A turma

Desenvolvi a prática docente com uma turma do 4º ano do ensino fundamental de nove anos, da qual eu era a professora titular desde o início do ano letivo. Na ocasião, a turma era formada por vinte e seis alunos, na faixa etária de nove a quatorze anos, sendo que dez destes alunos estavam repetindo o ano e uma aluna com quatorze anos era portadora de necessidades especiais, por ter nascido com hidrocefalia. Ela foi bem aceita pelos colegas que sempre demonstram gosto em compartilhar o trabalho com ela e essa, por sua vez, demonstrava gosto em participar das atividades de grupo. Diferente do que se encontra na literatura médica acerca de um portador desse tipo de patologia, ela tomava iniciativas e demonstrava autonomia em suas escolhas e decisões, conseguia negociar, defendendo seu ponto de vista ante ao grupo em que participava.

Os alunos sempre foram muito participativos, gostavam das rotinas diárias e quando ocorria um imprevisto como, por exemplo, eu esquecer de fazer a chamada eles reclamavam e diziam que queriam escolher o ajudante do dia. O que eles mais gostavam era de ir para a sala de informática e, mesmo quando ficávamos sem acesso a internet, gostavam de usar o editor de textos Word.

As atividades mais lúdicas que envolviam jogos, brincadeiras, arte, teatro e música, eram esperadas com muito entusiasmo. Para melhor organizar as aulas, tínhamos uma agenda através da qual, todos acompanhavam a programação da semana e ficavam sabendo que roupas deveriam usar para se adequarem às atividades que iríamos desenvolver ou ainda que material diferenciado deveriam trazer.

d. Delimitação do problema

O foco deste trabalho de conclusão de curso é a análise do tipo de avaliação que me propus a fazer durante meu estágio curricular obrigatório. Neste período fiz uso de uma avaliação aberta, com o uso de planilhas de acompanhamento onde registrava, através de cores diferenciadas, o desempenho dos alunos. Estes registros eram imediatamente socializados com eles, dado que ficavam expostos, e trouxeram resultados que nunca antes eu havia obtido.

Nossa escola tem índices muito elevados de reprovação nos anos iniciais do ensino fundamental, nos dois últimos anos, trabalhei com turmas de aceleração da aprendizagem, tentando minimizar esse gravíssimo problema que é a distorção idade/série dos nossos alunos e do grandioso fracasso dessa escola pública, após muita reflexão, cheguei à conclusão que o problema estava principalmente na forma em que os alunos eram avaliados e passei a estudar e analisar as várias concepções de avaliação e encontrei no Guia da Escola Cidadã – 2, do Instituto Paulo Freire muitas respostas as minhas inquietações, porém não adianta mudar a avaliação se não conseguirmos mudar as ações e as relações nessas salas de aula, pois segundo Romão,

...não é possível transitar da situação em que nos encontramos para uma mais consequente política, social e pedagogicamente, de uma hora para outra e, muito menos, por força do voluntarismo 'vanguardista de educadores progressistas', Essa transição, ou melhor, superação, só pode se efetuar com a participação de todos os agentes e usuários do sistema educacional, uma vez que ninguém promove a superação da adversidade de alguém, mas são as próprias pessoas que se ultrapassam, a partir da tomada de consciência de sua própria adversidade. (2002 p. 129).

Nesse sentido, é através da prática, vivenciada e compartilhada que podemos mostrar que há possibilidades e que nós somos sim, capazes de construir uma escola pública de qualidade.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Para Freire (1997) uma proposta pedagógica que leve em consideração as construções dos alunos e alunas pressupõe um professor que atua como protagonista da sua ação pedagógica, um pesquisador, curioso, crítico, humilde e que goste das gentes. Um professor cujo papel seja o de mediador, questionador e facilitador.

Com estas idéias em mente, incluímos no planejamento do estágio curricular elementos que fazem parte de uma Arquitetura Pedagógica.

Arquitetura pedagógica é uma combinação de estratégias, dinâmicas de grupo, softwares educacionais e ferramentas de apoio à cooperação, voltadas para o favorecimento da aprendizagem que visam traduzir propostas pedagógicas em situação de aprendizagem mediadas por materiais didáticos interativos e por ambientes virtuais, que pressupõem atividades problematizadoras e interativas com o intuito de 'provocar' desequilíbrios cognitivos e dar suportes para as reconstruções, o que possibilita aos protagonistas e sujeitos da aquisição e construção do conhecimento. (CARVALHO, NEVADO e MENEZES, 2005, p. 4).

Esse fazer pedagógico também pressupõe que o trabalho seja desenvolvido de forma a proporcionar que os educandos construam o conhecimento com seus pares e, desta forma, a organização do espaço físico deve permitir essa interação.

A interação de grupo proporciona aos estudantes as experiências de que necessitam para perceber que podem aprender uns com os outros. Somente na difusão da autoridade no plano horizontal é que os estudantes serão capazes de compartilhar e apreciar a importância da aprendizagem coletiva. Crucial para esse processo é o elemento do diálogo. Através do diálogo em grupo, as normas de cooperação e sociabilidade compensam a ênfase do currículo oculto tradicional na competição e individualismo excessivos. Além disso, o processo de instrução em grupo oferece aos estudantes a oportunidade de experimentarem a dinâmica da democracia participativa, em vez de simplesmente ouvir falar da mesma (GIROUX, 1997. p. 71).

Selau (2010), a partir dos seus estudos em Vygotsky, considera não somente a importância, mas a necessidade do trabalho ser desenvolvido na sala de aula em grupos. Para este autor

Ao se aceitar que qualquer função aparece primeiro como social, para depois no interior da própria criança, relacionar-se em grupo passa a ser uma necessidade para o desenvolvimento humano (SELAU, 2010, p 47).

Ao pensar esse fazer pedagógico inovador e para ser coerente com as aprendizagens construídas ao longo do curso que ora concluo, tinha a convicção de que seria necessário repensar a avaliação. Pareceu-me que não poderia trazer para a sala de aula uma proposta de trabalho inovadora junto com a antiga e surrada avaliação tradicional pautada nas verificações da aprendizagem, a partir da aplicação de testes e provas. Este tipo de avaliação é fundada na imposição dos conteúdos e na passividade do educando, num sistema educacional onde os conteúdos continuam sendo passados ao estilo da educação “bancária”, tão denunciada por Freire (1970) porque o aluno é visto como uma conta corrente onde se “depositam” os conhecimentos, tal como se faz com o dinheiro em um banco financeiro. Essa lógica, infelizmente, ainda hoje é muito praticada em nossas escolas, principalmente nas escolas públicas que atendem a população mais carente da sociedade brasileira em que os alunos e alunas são aqueles cujo papel é apenas de aceitar os conteúdos que o professor traz sem questionar, sem uma participação efetiva, sem criatividade, sem autoria e para ser bem sucedido nessa concepção de educação, basta que esses alunos e alunas devolvam nos testes e provas no final do trimestre tudo aquilo que lhes foi “depositado”.

Com o intuito de contrapor essa concepção de educação, fez-se necessário repensar a avaliação, embasada nos saberes que as interdisciplinas me proporcionaram construir e na minha própria experiência como aluna ao ser avaliada. No decorrer da minha trajetória no curso passei a ter um novo olhar sobre meu fazer pedagógico, um olhar reflexivo, onde mais que avaliar os alunos e alunas no cotidiano da sala de aula, estava avaliando a minha prática e buscando outras formas para ressignificar a minha ação pedagógica.

Para Freire (1982) não é possível praticar sem avaliar a prática. Avaliar a prática é analisar o que se fez, comparando os resultados obtidos com as finalidades que procuramos alcançar. Para o autor, a avaliação da prática revela os erros, os acertos e as impressões que temos nos proporcionando corrigir e melhorar a prática aumentando assim a nossa eficácia.

O mesmo autor nos fez refletir também sobre o fazer pedagógico em respeito aos alunos e alunas, pois que:

Ao pensar sobre o dever que tenho, como professor, de respeitar a dignidade do educando, sua autonomia, sua identidade em processo, devo pensar também, como já salientei, em como ter uma prática educativa em que aquele respeito, que sei dever ter ao educando, se realize em lugar de ser negado. Isto exige de mim uma reflexão crítica permanente sobre minha prática através da qual vou fazendo a avaliação do meu próprio fazer com os educandos. O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo. Esta avaliação crítica da prática vai revelando a necessidade de uma série de virtudes ou qualidades sem as quais não é possível nem ela, a avaliação, nem tampouco o respeito do educando (FREIRE, 1996, p. 71 e 72).

Nessa perspectiva, segundo Hoffmann (1998), a avaliação do desempenho dos alunos se efetiva através da observação direta com anotações em um "quadro de acompanhamento" que mostra a evolução do aluno e suas principais reincidentes dificuldades.

A mesma autora nos remete a uma reflexão sobre a relação entre o processo de avaliação e controle.

Quando se controla para julgar, basta andar ao lado de alguém, observando, registrando, coletando provas do caminho que trilhou [...]. Quando se acompanha para ajudar no trajeto, é necessário percorrê-lo junto, sentindo-lhe as dificuldades, apoiando, sugerindo rumos adequados a cada aluno (HOFFMANN, 2001, p. 89).

Nesse sentido, o registro sobre a produção dos alunos pode nos proporcionar uma visão de todo trajeto percorrido por eles, o que possibilita rever o planejamento de uma maneira que possamos traçar quais as estratégias mais adequadas para que cada um possa avançar. No entanto, esses registros não podem ficar guardados "a sete chaves" esperando o final do trimestre para serem divulgados. É imprescindível que esse quadro de

acompanhamento seja socializado com a turma, pois dessa forma os alunos também têm a oportunidade de rever o que ainda lhes falta para avançar.

Paro (2001) nos leva a refletir sobre a importância da socialização da avaliação e sobre as consequências que a autoavaliação pode ter:

Quando o educando assimila valores que reforçam a importância da aquisição do saber, desenvolve-se concomitantemente seu interesse em ter informações a respeito do seu êxito nessa empresa. Isso supõe que a avaliação do processo pedagógico inclui, como um de seus elementos mais decisivos, a autoavaliação do educando. A autoavaliação, na verdade, é que sintetiza o estágio de desenvolvimento da autonomia pelo próprio indivíduo. Educar-se é tornar-se autônomo, condutor do próprio destino, fazendo uso dos bens culturais de que se necessita para constituir-se como sujeito. E é como sujeito que o indivíduo faz isso, avaliando permanentemente as dimensões dos erros e acertos que comete e das dificuldades que enfrenta para subjetivamente, como *autor*, levá-los em conta em seu desenvolvimento (p. 45).

Se a escola prima por formar um sujeito autônomo, condutor do próprio destino, fazendo uso dos bens culturais de que se necessita para constituir-se como sujeito, como nos colocou Paro (2001), precisamos estabelecer estratégias que favoreçam esse fazer pedagógico para que o aluno possa desenvolver as habilidades de aprender e conhecer.

Nessa mesma perspectiva, Demo (2004) nos diz que:

O futuro da autonomia do ser humano depende, em grande parte, da habilidade de aprender e conhecer. Assim como seria incongruente imaginar que a autonomia viria de fora, imposta ou doada, é incongruente imaginar que aprender e conhecer sejam processos reprodutivos. O instrucionismo é, por isso, condenado não só por razões pedagógicas, mas também biológicas: o ser vivo não pode ser instruído, mas educado. Muitas vezes tenta-se instruir, domesticar, tutelar, mas é comum que se recalcitre, porque não é possível apagar o sujeito ainda que seja possível mutilar. O que entra em sua cabeça entra literalmente por dentro (p 19).

Ainda o mesmo autor nos diz que a finalidade da avaliação é cuidar todo dia desse processo. Dessa forma mudaria a posição do professor, que passa a ser educador, formador e não um transmissor de conhecimentos e para tanto, o mesmo autor, nos faz refletir sobre verdadeira função do professor progressista:

Seu desafio socrático emerge com toda força: é de provocação, orientação, instigação, sobretudo de cuidado. Cuidar da aprendizagem traduz, ademais, a integridade do processo de

aprendizagem, que nunca se reduz ao aspecto racional lógico. Está em jogo a formação da personalidade humana como um todo. (DEMO, 2004, p. 75).

Esse professor que cuida da aprendizagem dos seus alunos e alunas, deve ter a sua prática voltada para a superação dos obstáculos, para o avanço transformador, para a busca incessante de meios para promover o desenvolvimento do aluno como um todo.

De acordo com a LDBEN 9394/96, artigo 24, inciso V a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios:

- a) avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais;
- b) possibilidade de aceleração de estudos para alunos com atraso escolar;
- c) possibilidade de avanço nos cursos e nas séries mediante verificação do aprendizado;
- d) aproveitamento de estudos concluídos com êxito;
- e) obrigatoriedade de estudos de recuperação, de preferência paralelos ao período letivo, para os casos de baixo rendimento escolar, a serem disciplinados pelas instituições de ensino em seus regimentos.

As orientações que a LDBEN nos trazem, deveriam ser norteadoras dos paradigmas da avaliação escolar porque, ao pensar nas construções dos parâmetros da avaliação que iremos adotar na escola, devemos levar em conta práticas concretas para alcançarmos a superação das deficiências.

Parafraseando Giroux (1997) pensamos que a atribuição e distribuição de notas nas salas de aula tradicionais revelam-se, na maioria das vezes, como instrumentos disciplinares, através dos quais os professores impõem seus valores, padrão de comportamento e crenças aos alunos. Para o autor, a Avaliação Dialógica elimina esta prática perniciosa, já que permite que os alunos e alunas tenham algum controle sobre a distribuição das notas, e, assim enfraquece a correspondência tradicional entre as notas e a autoridade. Ainda nesse mesmo trabalho, o autor, justifica os motivos de chamar a avaliação proposta para romper com a lógica tradicional, de avaliação dialógica e mais uma vez ratifica a importância do desenvolvimento do trabalho escolar em grupo:

Nos referimos a tal espécie de avaliação como dialógica porque ela envolve um diálogo entre estudantes e professores sobre os critérios, função e conseqüências do sistema de avaliação. O uso do termo é de fato uma extensão da ênfase de Freire no papel do diálogo no esclarecimento e democratização das relações sociais. Embora as oportunidades de diálogo com professores e colegas devam ser estimuladas, elas não são conducentes a ambientes de grande grupo. Em pequenos grupos, os estudantes devem avaliar e testar a lógica do trabalho uns dos outros (GIROUX, 1997. p 71).

Freire (1970 p. 102) alerta que o “oprimido geralmente ‘sabe’ mas ‘não sabe que sabe’, daí a importância da motivação para o diálogo e a reflexão” e, neste sentido, a avaliação dialógica para trazer importante contribuição para esta tomada de consciência.

Romão (2002, p 102), nos leva a vislumbrar os passos necessários da avaliação dialógica:

- 1º. Identificação do que vai ser avaliado;
- 2º. constituição, negociação e estabelecimento de padrões;
- 3º. construção dos instrumentos de medida de avaliação;
- 4º. Procedimento de medida da avaliação;
- 5º. Análise dos resultados e tomada de decisão quanto aos passos seguintes no processo de aprendizagem.

Para Luckesi (1996), mais importante do que constatar resultados é tomar decisões a respeito do que será feito a seguir.

Visando desenvolver uma pedagogia dialógica como escreveu Paulo Freire, por ser conhecedora das suas implicações, tenho o dever de desenvolver ações pedagógicas que possibilitem aos alunos e alunas vivenciar práticas democráticas, pois é através da verificação da aprendizagem que se constitui um dos mais poderosos instrumentos políticos da dominação e a superação da situação de dominação não será possível apenas com o sucesso no domínio dos códigos linguísticos, mas a partir de uma leitura crítica do mundo. Romão (2002, p 129), nos diz que para os dialéticos, a necessidade histórica não se opõe à possibilidade de sermos sujeitos de nossos próprios destinos, e é com a consciência sobre ela que iniciamos nossa marcha em direção à libertação.

3 RELATO E ANÁLISE DA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Algumas semanas antes do início do estágio, a turma foi reorganizada em função de trocas de alunos, pois as famílias precisavam conciliar o horário da escola aos seus. Recebemos três alunos, dentre outros, que não foram aceitos pelo grupo e mais tarde fiquei sabendo que esta rejeição se devia ao fato de já terem sido colegas dos alunos desta turma e trazerem rugas de anos anteriores, além de se mostrarem muito indisciplinados. Tentei amenizar a situação usando nas atividades várias estratégias como, por exemplo, criar com os alunos as trilhas da boa convivência, onde jogando eles podiam refletir sobre várias hipóteses a cerca de situações boas e ruins, com o intuito de levá-los a uma melhor aceitação desses colegas. Porém, toda a manhã vinha uma ou outra mãe fazer queixa ou querendo tirar satisfação dos meninos.

Nesta ocasião, estávamos trabalhando a construção da identidade e minha intenção era abordar as questões étnico-raciais, porém percebi que seria mais adequado, nesse momento, trabalhar com valores.

Tomando por base os escritos de Iacocca e Iacocca (2002), reformulei todo o planejamento pensado para a primeira semana de estágio, pois não poderia realizar atividades diferenciadas e inovadoras com os alunos se houvesse problemas de relacionamento na turma.

Após algumas negociações com a direção da Escola consegui agendar o uso do Laboratório de Informática e da sala do áudio-visual três vezes por semana no horário das 8 às 10 horas. O uso destes ambientes era imprescindível para a efetivação da Arquitetura Pedagógica: Escrita colaborativa em rede planejada para as semanas de estágio curricular. A partir da segunda semana de estágio, começamos a utilizá-los e em nossa primeira

aula fomos à sala de áudio-visual onde projetei no telão o wiki¹ que criei para a turma, distribuí os logins e senhas aos alunos e mostrei como eles poderiam ter acesso àquelas páginas. Os alunos ficaram encantados, demonstrando isso através de falas como:

- Nós vamos poder escrever nessas páginas?
- As nossas histórias?
- Dá pra por desenho?

Logo depois, passamos à sala de Informática onde os alunos sentaram em duplas frente aos computadores e acessaram o wiki da turma para fazer o log in, escrever o seu nome, sua idade, o que mais gosta e o que não gosta. Começando assim a se familiarizarem com este recurso.

A primeira dificuldade que observei foi o fato de não ter um projetor na sala para que eu pudesse orientar os alunos em grupo. O atendimento teve que ser individual o que, muitas vezes, deixava os alunos esperando por um bom tempo até terem sanadas dúvidas que iam surgindo. Outra dificuldade foi à falta de acesso à internet, que nos obrigou a usar o editor de texto Word, ao invés de usarmos o wiki criado. Percebi que a maioria dos alunos desconhecia algumas palavras usadas em informática, por isso, no intuito de ampliar seu vocabulário, propus a criação de um dicionário com as palavras que íamos usando. No início, buscávamos os significados no dicionário de Língua Portuguesa, mais tarde, quando restabeleceram o acesso à internet, os alunos passaram a buscar as palavras desconhecidas nos sites de busca da web.

Como já dito a Arquitetura Pedagógica que esbocei visava desenvolver as habilidades de interação, cooperação, solidariedade e criatividade através da escrita colaborativa em rede usando as tecnologias de informação e comunicação. Para tanto, foram formados quatro grupos de quatro alunos e dois grupos de cinco alunos. A princípio os alunos se organizaram por afinidade, posteriormente os grupos foram se reorganizando em função do interesse no assunto que estavam desenvolvendo na escrita colaborativa até

¹ Espaço virtual gratuito na internet composto por páginas que podem ser alteradas por todos os usuários que têm direitos de acesso. Permite escrita individual ou colaborativa.

que resultaram os grupos que participaram das atividades desenvolvidas durante o estágio curricular.

Para que essas atividades inovadoras, desenvolvidas através do uso das mídias de informação e comunicação, transcorressem com organização, respeito e cooperação foram estabelecidos alguns “combinados”, ou seja, com toda turma construímos e elegemos as regras que deveriam ser seguidas por todos e esta atividade resultou na confecção de um cartaz: “Nossos Combinados” que afixamos atrás da porta da sala de aula. Sempre que preciso, retomávamos o que a turma havia elegido como regras essenciais para uma boa convivência.

Como já havia mencionado anteriormente a sala era muito pequena e a professora que a usava no turno da tarde não trabalhava em grupo. Por isso, todas as manhãs, os alunos precisavam reorganizar as mesas para poderem trabalhar em grupo. Convém salientar que todos que entravam na sala comentavam que ela ficava mais espaçosa como nós a organizávamos. Em seguida, passávamos uma flanela nas mesas e, feito isso, fazíamos o sorteio do ajudante do dia da seguinte maneira: os alunos escolhiam uma cantiga e eu combinava com eles por onde iria começar. Enquanto íamos cantando eu apontava para cada um e aquele, para o qual eu apontava, no momento em que a música terminasse, seria o ajudante do dia, encarregado das chaves dos armários, de me ajudar na distribuição do material, das lixeiras nos grupos dentre outras atividades.

Para que os alunos experimentassem a dinâmica da democracia participativa, como nos diz (GIROUX, 1997. p. 71), cada grupo foi chefiado por um de seus membros, sempre eleito por seus pares, assim como o relator e o redator. As eleições dos "Chefes dos Grupos", dos "Oradores" e dos "Escribas" eram feitas semanalmente e eles elegiam no seu grupo, conforme critérios que escolhessem: par ou ímpar, sorteio dos nomes, escritos em pedacinhos de papel, muitas vezes pediam para que eu retirasse. A eleição sempre era realizada nas segundas-feiras.

Observei que as crianças gostavam muito dessas rotinas, talvez por se sentirem mais seguras quando já soubessem o que iríamos fazer. Quando

havia algum imprevisto e perdíamos muito tempo, eu propunha a mudança naquela rotina, mas eles nunca aceitavam, pois queriam que fosse feito, mesmo que ficassem por menos tempo em um outro espaço da Escola.

Durante a terceira semana de estágio, apresentei aos alunos um novo quadro de acompanhamento:

QUADRO DE ACOMPANHAMENTO			
Grupo: _____		Data: __/__/_____.	
Alunos do grupo:	DESEMPENHO		
	Participação	Colaboração	Realização da atividade
Chefe do Grupo:			
Relator:			
Redator:			

Figura 1: quadro de acompanhamento

Legenda:

Excelente
Muito Bom
Bom
Não Satisfatório
Não Fez, não participou.

Esse quadro de acompanhamento era preenchido por eles no grupo, usávamos as cores para mensurar o desempenho de cada um, tais como lilás para excelente, azul para muito bom, verde para bom amarelo para não satisfatório e laranja para não fez, não participou. Esse quadro ficava afixado no mural dos acompanhamentos.

Vítor Paro (2001, p. 45) nos diz que à medida que os alunos e alunas vão assimilando valores que reforçam a aquisição do saber, passam a ter

interesse em saber se estão ou não tendo êxito, e é nesse momento que devemos proporcionar a autoavaliação, pois que avaliando permanentemente as dimensões dos erros e acertos que comete e das dificuldades que enfrenta para subjetivamente, como autor, levá-los em conta em seu desenvolvimento

O que pude observar é que eles eram muito rigorosos, muito rígidos consigo mesmos e muitas vezes queriam “punir”, pois apesar da pouca escolaridade, já têm muitos anos na escola, e nessa turma, são poucos os que nunca foram reprovados e para eles, ainda vale a lógica de que uma “boa avaliação” é a classificatória, a excludente, a que reprova aquele que erra, sem a menor oportunidade de retomar o erro e a partir dali acertar, aprender e avançar. Somente com muito dialogo e levando-os a refletir muito sobre essa postura é que poderemos desconstruir essa lógica perniciosa. Ainda o mesmo autor faz referência a esse fato.

O baixo autoconceito dos alunos aparece claramente quando, [...] são solicitados a se autoavaliarem. Sobre isso, Diana, assistente de diretor, que dá aula no ensino médio em outra escola, afirma: Eles são muito críticos, são mais críticos que o professor. Muito mais. Você pensa que eles vão colocar tudo sim ou não, não são supercríticos. [...] O autoconceito negativo do aluno está relacionado ao tipo de avaliação que é feito na escola. (PARO, 2001, p. 146).

Eu mediava essas situações de forma a garantir que fossem honestos e justos na hora de fazer a autoavaliação do seu desempenho. Esses quadros diários eram traduzidos em um quadro semanal, onde a cor prevalente era aquela com maior incidência durante a semana. Essa tradução era feita com o auxílio deles sempre na sexta-feira.

E esse foi o diferencial da metodologia de avaliação que propus, pois eles iam acompanhando e havia uma explicação de porque seria aquela cor e como já estava combinado como seria feito, eles tinham consciência de que não podíamos quebrar as regras, e ficava muito claro que nós precisávamos “cuidar” para que cada um pudesse manter a sua cor ou avançar se fosse o caso.

Também pude observar que através do uso dos quadros de acompanhamento, os alunos que muitas vezes não participavam ou que relutavam em realizar as atividades, passaram a participar ativamente de tudo que era proposto e ainda me diziam:

-Viu professora, agora eu já estou lilás!

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao chegar ao final desse trabalho quero deixar claro que não tive a pretensão de esgotar o assunto, mesmo porque esse é um tema inesgotável e extremamente complexo que merece muitos estudos e reflexões, tão pouco tive a pretensão de deixar uma “receita”, posto que as relações sociais têm suas especificidades, são únicas e muitas vezes não se repetem já mais.

O contexto em que essa análise se deu, foi privilegiado pelo uso das TICs (tecnologias de informação e de comunicação), através do uso de elementos que constituem uma arquitetura pedagógica, intitulada: “Escrita colaborativa em rede”, onde os alunos interagiram na construção de textos que foram publicados nas páginas wikis criadas para esse fim, onde os alunos e alunas tinham a possibilidade de interagir através de comentários que podiam postar nas páginas dos colegas e dos grupos. A possibilidade de receber comentários tanto dos colegas, como da professora e da tutora de sede Simone, suscitou muita expectativa nos alunos que ficavam muito curiosos por saber se tinha algum comentário para eles e a nossa tutora interagiu muito através dessa ferramenta com os alunos da turma. O uso das tecnologias foi fundamental para tornar a prática de estágio curricular muito prazerosa. Fato esse que conseguimos garantir que a turma continuasse a usar o Laboratório de Informática mesmo após o término do estágio.

Este trabalho levantou questões acerca da avaliação dialógica, suas possibilidades e implicações no processo ensino-aprendizagem. Os estudos mostram que essa forma de avaliar tornou-se um fator fundamental para que aprendizagem ocorra efetivamente, pois ao acompanhar o desempenho dos alunos, traduzidos na planilha de acompanhamento, tivemos a visão da turma e podemos traçar os próximos passos para que pudéssemos avançar.

Essa avaliação, democrática possibilitou resultados que eu nunca obtivera antes, pois alunos que não participavam das atividades, passaram a participar, o que foi primordial. Eles começaram a participar porque não queriam ver no quadro mural da sala de aula o seu nome com uma cor que não fosse satisfatória. Como já citado anteriormente, posso afirmar que eles passaram a sujeitos autônomos, condutores do próprio destino, fazendo uso dos bens culturais de que se necessitam para constituírem-se como sujeitos, como nos colocou Paro (2001). O uso das TICs, o planejamento da Arquitetura Pedagógica, foram as estratégias que favoreceram o fazer pedagógico para que os alunos dessa turma pudessem desenvolver as habilidades de aprender e conhecer.

As construções que fiz no decorrer desse curso que ora concluo me fizeram protagonista do meu aprender mais e conhecer mais, hoje me constituo numa profissional que sabe como fazer a diferença para a sustentação de uma escola pública de qualidade, proporcionando aos sujeitos envolvidos nessa construção uma educação de qualidade. Precisamos contagiar a todos os partícipes da escola pública para essa mudança, pois FREIRE (1996, p. 85) nos diz que Ensinar exige a convicção de que a mudança é possível.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996. **Diário Oficial [da República Federativa do Brasil]**, Brasília, DF, de 23 de dezembro de 1996.

CARVALHO, M.J. S.; Nevado, R.A.; Menezes, C.S., Arquiteturas Pedagógicas para Educação a Distância: Concepções e Suporte Telemático. In: **Simpósio Brasileiro de Informática na Educação**, 2005, Juiz de Fora - MG. Workshop Arquiteturas Pedagógicas para Suporte à Educação a Distância Mediada pela Internet.

DEMO, Pedro. **Ser professor é cuidar que o aluno aprenda**. Porto Alegre: Mediação, 3ª ed. 2004.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**: Em três artigos que se completam, São Paulo, Cortez, 43ª ed.1982.

_____. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa – São Paulo: Paz e Terra, 24ª ed. 1996.

_____. **Pedagogia do Oprimido**, 1970. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 34ª ed. 1987.

_____. **Professora Sim, Tia Não**: Cartas a Quem Ousa Ensinar: Olho d'água - São Paulo, 12ª ed. 1983.

GIROUX, Henry A. **Os professores como intelectuais**: rumo a uma pedagogia crítica da aprendizagem; Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

HOFFMANN, Jussara M. L. **Avaliar para promover**. Porto Alegre, Mediação, 2001.

_____. **Contos e Contrapontos**: do pensar ao agir em avaliação. Porto Alegre. Mediação, 6ª ed. 1998.

IACOCCA, Michele; IACOCCA Liliana. **Eu & os outros**: Melhorando as relações, Ática, 6ª ed., 2002.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Avaliação da aprendizagem escolar**. São Paulo, Cortez, 1996.

PARO, Vitor Henrique. **Reprovação Escolar**: Renúncia à Educação, São Paulo, Xamã, 1ª ed., 2001.

ROMÃO, José Eustáquio. **Avaliação dialógica**: desafios e perspectivas. São Paulo. Cortez: Instituto Paulo Freire, 2002. (Guia da Escola Cidadã; V 2).

SELAU, Bento. **Inclusão na Sala de Aula**. São Luis/MA, Edufma, 2^a ed. 2010.

5 ANEXOS

e. PROJETO DE ESTÁGIO

Projeto de Estágio

I - Introdução

Durante todos os semestres do curso de Pedagogia fui relacionando as teorias estudadas às vivências em sala de aula, agora nessa proposta de trabalho terei a oportunidade de ratificar as considerações que tezi nos Portfólios de Aprendizagem onde esbocei as construções que fui estabelecendo e demonstrar efetivamente tudo o que aprendi no decorrer desses quase quatro anos de estudos, onde muitas vezes precisei me desestabilizar e desacomodar para assimilar e acomodar novamente.

Estou realizando meu estágio curricular na Escola Estadual de Ensino Médio Mario Quintana - CAIC, localizada no Bairro Salomé, no Município de Alvorada - RS, com uma turma de 4º Ano do Ensino Fundamental, constituída por 26 alunos, sendo 13 meninas e 13 meninos. Nessa turma temos 10 alunos repetindo a 3ª série, estes deixaram o ensino fundamental de oito anos e migraram para o ensino de nove anos. O enfoque que estou desenvolvendo é Eu e os Outros.

II - Princípios Norteadores

Tendo em vista que os alunos são sujeitos na construção da sua aprendizagem, através da Arquitetura Pedagógica que proponho: Escrita colaborativa em rede, se efetivará com base nas ideias construtivistas de Piaget e não poderia ser diferente, busca alicerces na Pedagogia de Paulo Freire, principalmente na Pedagogia da Autonomia (Freire, 1999).

III - Justificativa da Proposta de Trabalho

A proposta pedagógica que ora inicio, se faz inovadora pelo uso das tecnologias de informação e comunicação¹, onde poderei desenvolver com os alunos atividades que possam dar conta, dentre tantas necessidades que eles têm da valorização do Eu, ao trabalhar com a identidade e a autoestima, pois segundo Paré: "a diversidade só poderá ser trabalhada se nos dispusermos a aprender sobre cada povo, cada cultura, cada etnia. Para tanto temos que fazer um esforço para aprofundar o entendimento acerca da composição étnico-racial do meu entorno e, principalmente, da minha comunidade escolar e construir conceitos que superem os preconceitos que produzem a discriminação".

IV - Objetivos Pessoais

Poderei através desse estágio curricular, demonstrar em ações registradas, quer nos planejamentos, assim como na efetivação na sala de aula, todas as considerações que fiz durante o curso sobre a aprendizagem que construí e ainda estou construindo.

V - Objetivos Gerais

Produzir textos colaborativos;

- ler e compreender diferentes portadores de textos (principalmente documentos como certidão de nascimento e as imagens como as fotos);
- ler e interpretar tabelas e gráficos;

Observar e analisar a realidade do seu entorno, desenvolvendo assim o senso crítico;

- Interpretar e sistematizar dados coletados, durante entrevistas na pesquisas de campo;
- pesquisar e utilizar as informações inclusive da internet;
- trabalhar em grupo, colaborando e cooperando com os colegas;

VI - Objetivos específicos

- ler e interpretar diversos tipos textos;
- produzir, pequenos textos a partir de tema proposto, utilizando pontuação adequada;
- participar da elaboração de textos colaborativos no site construído para esse fim;
- participar de debates, defendendo seu posicionamento e respeitando a opinião de colegas;
- reconhecer a importância da contribuição indígena e africana para a nossa cultura;

criar e-mail;

- construir blog pessoal;
- publicar suas descobertas em seu site;
- resolver situações utilizando operações matemáticas desenvolvendo o raciocínio lógico;
- construir jogos;
- participar de jogos;
- participar de brincadeiras;
- elaborar gráficos e tabelas;

- utilizar a Hora de Leitura em sala de aula para ampliar seus conhecimentos;
- participar de Hora de Contação de História;
- participar das atividades extra-classe (visitação);
- utilizar sua expressão (desenho, dança, teatro, etc)
- reconhecer a importância de atitudes de respeito, companheirismo e cooperação para a convivência em sociedade.

VII - Avaliação

A avaliação que proponho baseia-se no referencial de Paulo Freire, Henry A. Giroux, Vitor Paro, Pedro Demo e Jussara Hoffmann.

Avaliação mediadora;

Avaliação emancipatória;

Avaliação Dialógica.

A avaliação do desempenho dos alunos se efetiva através da observação direta com anotações em um "quadro de acompanhamento" (Hoffmann, 1998, pág. 94) que mostram a evolução do aluno e suas principais reincidentes dificuldades.

QUADRO DE ACOMPANHAMENTO			
Grupo: _____		Data: __/__/_____.	
Alunos do grupo:	DESEMPENHO		
			Realização da

	Participação	Colaboração	atividade
Chefe do Grupo:			
Relator:			
Redator:			

Excelente
Muito Bom
Bom
Não Satisfatório
Não Fez, não participou.

VIII - Cronograma Geral do Estágio (12/04/2010 a 11/06/2010).

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira	Sábado
12/04	13/04	14/04	15/04	16/04	17/04 - Não letivo
19/04	20/04	21/04 - feriado Tiradentes	22/04	23/04	24/04 Não letivo
26/04	27/04	28/04	29/04	30/04	01/05 feriado Dia do Trabalho.
3/05	4/05	5/05	6/05	7/05	8/05 Não letivo
10/05	11/05	12/05	13/05	14/05	15/05 Não letivo
17/05	18/05	19/05	20/05	21/05	22/05- Aniversário da Escola.
24/05	25/05	26/05	27/05	28/05	29/05 Não letivo
31/05	01/06	2/06	3/06- feriado (Corpus Christi)	4/06 Ponte	5/06 Não letivo

7/06	8/06	9/06	10/06	11/06	
------	------	------	-------	-------	--

IX - Referências

Carvalho, Marie Jane Soares; Nevado, Rosane Aragon; Menezes, Crédine Silva de - Arquiteturas pedagógicas pa educação a distância

¹COSTA, Iris Elisabeth Tempel e MAGDALENA, Beatriz Corso - Revisitando os Projetos de Aprendizagem, em tempos de web 2.0 - Faculdade de Educação/PEAD - Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Porto Alegre - RS - Brasil.

Freire, Paulo - Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa - São Paulo: Paz e Terra, 1996.

_____ - Pedagogia do Oprimido - 34^a Edição - Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002

HOFFMANN, Jussara - Avaliação Mediadora: Uma prática em construção da Pré-escola à Universidade - 19^a Edição - Porto Alegre, 2001

_____ - Avaliação: Mitos e Desafios: uma perspectiva construtivista - 31^a Edição - Porto Alegre: Mediação, 2002.

Luciano, Gersen dos Santos - Os índios no Brasil: quem são e quantos são.

Mundurucu, Daniel - Em busca de uma ancestralidade Brasileira.

Paré, Marilene Leal - Auto imagem e Auto estima na Criança Negra : um olhar sobre seu desempenho escolar.

Paré, Marilene Leal - Dimensões da Expressão Afro-cultural

SCHAFER, Patrícia Behling; LACERDA, Rosália; FAGUNDES, Léa da Cruz - Escrita Colaborativa na Cultura Digital:

ferramentas e possibilidades de construção do conhecimento em rede

f. ENTREVISTA

Nome do Aluno (a) _____

Data de Nascimento: ____/____/____. Idade: _____

Repetiu algum ano na Escola? _____ Qual? _____

Com quem você mora? _____

Quantas pessoas moram na sua casa? _____

O que você mais gosta de comer? _____

O que você detesta comer? _____

Qual é o seu brinquedo preferido? _____

Qual é a sua brincadeira preferida? _____

Quando você ganhou o seu último brinquedo? _____

de quem? _____ qual? _____

Você tem alguma doença? _____ qual? _____

Você toma algum medicamento regularmente? _____ qual? _____

Você tem alguma alergia? _____ a quê? _____

Você tem algum tipo de medo? _____ de quê? _____

Quando você não está na Escola, onde você costuma ficar? _____

Com quem? _____

Em que horário você costuma fazer as lições de casa? _____

alguém te ajuda? _____ quem? _____

Quem cuida e organiza os seus cadernos e livros? _____

Quem cuida e organiza suas roupas? _____

Você ajuda na organização e limpeza da sua casa? _____

Você já usou um computador? _____ Onde? _____

Você tem computador em casa com acesso à internet? _____

Você sabe usar todas as funções de um aparelho celular? _____